

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



A ESCOLA E A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS

CONTOS DE FADAS

EVELINE DA SILVA GUIMARÃES





**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**EVELINE DA SILVA GUIMARÃES**

**A ESCOLA E A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS CONTOS DE FADA**

**RECIFE, 2021**

**EVELINE DA SILVA GUIMARÃES**

**A ESCOLA E A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS CONTOS DE FADA**

Monografia apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Portela  
Júnior

**RECIFE, 2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

G963-e Guimarães, Eveline  
A escola e a representação das mulheres nos contos de fadas: Monografia / Eveline Guimarães. - 2021.  
50 f. : il.

Orientador: Aristeu Portela .  
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2022.

1. Educação . 2. Gênero . 3. Princesas . 4. Disney . 5. Infância . I. , Aristeu Portela, orient. II. Título

CDD 370

---

**EVELINE DA SILVA GUIMARÃES**

**A ESCOLA E A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS CONTOS DE  
FADA**

Trabalho julgado e aprovado em \_\_/\_\_/21

Monografia defendida e aprovada pela banca examinadora:

---

Prof. Dr Aristeu Portela Júnior

Orientador - UFRPE

---

Profa<sup>a</sup> Dra Fabiana Cristina da Silva

Examinadora interna - UFRPE

---

Profa<sup>a</sup> Dra Maria Helena Câmara Lira

Examinadora externa - UFRPE

Recife, 2021

Para minha forte garotinha interior de coração inquieto que acreditava em contos de fadas e via nas princesas um exemplo a ser seguido, mas que sempre procurou sentido em tudo; hoje essa garotinha se reconhece mulher e escolheu lutar por uma educação digna para todos. Nunca esqueça do seu propósito e vocação.

Conseguimos.

## **AGRADECIMENTOS**

Se há algo que tem espaço de sobra no meu coração é a gratidão. Concluir a graduação numa época de pandemia foi realmente desafiador. Todas as esferas de nossas vidas foram abaladas com o que víamos nos noticiários e com o que acontecia à nossa volta, dentro de nossas casas.

Sou grata a Deus por ter sido meu porto nos momentos de desespero.

Sou grata a mim por não desistir, pela garra e coragem que descobri serem maiores do que imaginava.

Agradeço ao meu querido orientador Aristeu, aqui representando todos os meus professores da UFRPE. Vocês mudam destinos. Obrigada por toda dedicação e luta por um ensino superior de qualidade para todos.

Agradeço aos meus pequenos estudantes por cada abraço e sorriso espontâneo. Juntos crescemos e descobrimos estratégias de vencer um dia de cada vez.

Agradeço a minha irmã Evelaine, que viu de perto minhas lágrimas e renúncias e que nunca soltou minha mão. Você é meu talismã.

Agradeço a minha família, meu pai por ser meu maior incentivador, minha mãe por sempre torcer pelas minhas conquistas e minha irmã Evelen por ser um exemplo de determinação.

Agradeço também às minhas amigas de profissão que tanto me ensinaram na jornada. Em especial : Rayssa, Letícia e Glenda. Vocês foram essenciais para que eu pudesse concluir esse ciclo.

Agradeço a Wlady por todo apoio emocional e encorajamento. Sou feliz por nosso encontro e parceria. Você faz parte dessa conquista também.

Obrigada.

(...) Se não houvesse algo em nós que aprecia o lobo mau, ele não teria poder sobre nós. Por conseguinte, é importante entender sua natureza, mas ainda importante é aprender o que a torna atraente para nós. Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo toda a vida. (BETTELHEIM, 1997.P.10).

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - <i>Branca de Neve roga ao divino para que os anões sejam abençoados e para que seus sonhos se realizem.</i></b> .....	<b>30</b>
<b>Figura 2 - <i>Branca de Neve se esconde do príncipe e confere a organização da roupa</i></b> .....	<b>31</b>
<b>Figura 3 - <i>Branca de Neve arruma o cabelo para poder prestigiar o canto do príncipe na varanda.</i></b> .....	<b>31</b>
<b>Figura 4 - <i>Branca de Neve sozinha na floresta.</i></b> .....	<b>33</b>
<b>Figura 5 - <i>Os animais levam Branca de Neve até a casa dos sete anões.</i></b> .....	<b>35</b>
<b>Figura 6 - <i>Branca de Neve assustada com a sujeira da casa dos anões.</i></b> .....	<b>35</b>
<b>Figura 7 - <i>Moana depois de consertar o telhado que o rapaz não conseguiu.</i></b> .....	<b>41</b>
<b>Figura 8 - <i>Moana escapando sozinha de uma caverna</i></b> .....	<b>42</b>
<b>Figura 9 - <i>Moana luta com um mini exército sozinha</i></b> .....	<b>42</b>
<b>Figura 10 - <i>Moana no primeiro encontro com o semideus Maui</i></b> .....	<b>43</b>
<b>Figura 11 - <i>Moana destemida</i></b> .....	<b>44</b>
<b>Figura 12 - <i>Figura 12 : Moana ensina seu pai a velejar depois que volta da sua jornada no oceano.</i></b> .....	<b>55</b>

## **RESUMO**

Este trabalho investiga por meio de estudos iconográficos e bibliográficos de que forma duas personagens principais de filmes infantis podem atuar na formação da mulher. Usamos como principais autores Maria Tatar que é especialista em literatura infantil, e Bruno Bettelheim que desenvolveu estudos na área da psicanálise referente aos contos de fadas. A escola é vista como um lugar que pode desconstruir visões limitadas a respeito de questões de gênero. Observamos o perfil da primeira e da Última princesa da Disney, respectivamente, Branca de Neve (1937) e Moana (2016). O objetivo geral deste trabalho é analisar a representação das mulheres nos contos de fada. E nossos objetivos específicos são: Analisar duas princesas da Disney e suas representações nos filmes e entender como essas representações podem influenciar na formação da menina. A metodologia desenvolvida foi pensada a fim de perceber os diferentes papéis que essas princesas exercem nas produções e fizemos isso garimpando em sites acadêmicos trabalhos já publicados dentro da temática. Os resultados das análises apontam para a confirmação de que essas representações atuam diretamente na formação da identidade infantil. E conseqüentemente, na identidade feminina.

**Palavras-Chaves:** Gênero, educação, infância, princesas, Disney.

## **ABSTRACT**

This paper investigates through iconographic and bibliographic studies how two main characters from children's movies can act in the formation of women. School is seen as a place that can deconstruct limited views about gender issues. We observe the profile of the first and last Disney princesses, respectively, Snow White (1937) and Moana (2016) . The general objective of this paper is to analyze the representation of women in fairy tales. And our specific objectives are: Analyze two Disney princesses and their representations in the films and understand how these representations can influence the formation of the girl. The methodology developed was designed to understand the different roles that these princesses play in the productions. The results of the analysis point to the confirmation that these representations act directly on the formation of children's identity. And consequently, in the female identity.

**Keywords:** Gender, education, childhood, princesses, Disney

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. ERA UMA VEZ.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1. NUMA ÉPOCA BEM DIFERENTE .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 QUE NA VERDADE NEM ERA TÃO DISTANTE ASSIM.....</b>	<b>22</b>
<b>2. UMA MENINA DE CORAÇÃO INQUIETO.....</b>	<b>25</b>
<b>3. ELA ERA UMA LINDA E SONHADORA PRINCESINHA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 UM DIA, A MENINA DECIDIU IR EM BUSCA DO SEU PROPÓSITO.....</b>	<b>39</b>
<b>4. E COM MUITA CORAGEM O ALCANÇOU.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Durante a formação da identidade o sujeito passa por diversas transformações. Fatores ideológicos, sociais e culturais influenciam essa formação desde muito cedo. Nesse processo de construção, o indivíduo tem a ação de imitar as pessoas que estão no primeiro grupo social que se tem contato, passando a ser moldado através dos muitos grupos que vai participar ao longo da vida. Segundo Vidal (2008):

O sujeito se constitui/se fabrica a partir das relações vividas nas práticas culturais, uma vez que o mesmo se configura na relação com práticas que são comuns à família, à escola, à igreja, ao clube, aos shopping centers, entre outros contextos. O sujeito, ao nascer, participa desta rede de práticas discursivas de significação que marcam e demarcam um certo grupo de pertencimento, uma vez que, como sujeitos, estamos inseridos em redes de práticas culturais, as quais são, também, práticas discursivas (VIDAL, 2008, p. 43).

É também na família que temos a primeira vivência com os diferentes papéis de gênero que o pai e mãe exercem dentro das relações que permeiam o ambiente familiar. Segundo Camurça e Gouveia (2004), a partir das observações e das distinções sexuais criam-se ideias sobre o que é ser um homem e uma mulher no meio social. Conforme estas autoras, a sociedade é responsável por criar essas relações/definições de gênero e na maioria das vezes essas criações enaltecem o masculino em detrimento do feminino, tudo o que é masculino tem a tendência de ser mais valorizado. Na família o contraste entre o papel de mãe e pai é vivenciado pelas crianças, e é aplicado ao homem e à mulher nas muitas representações que vão se deparando ao longo da vida. A criança passa a buscar semelhanças entre ela e o outro e a ter esse outro como referência.

Depois da família, a escola é o segundo grupo social com o qual a criança vai se deparar com as distinções dos indivíduos que formam este espaço. Os sujeitos que formam o ambiente escolar desempenham funções variadas e muitas vezes essas funções têm o gênero como critério de bom desempenho. Conforme Sayão (2002):

Faz sentido ter em mente que as diferentes sociedades, ao traçarem o que constitui o masculino e o feminino, mesmo que subjetivamente, também

vão delimitando alguns estereótipos, que se multiplicam e são incorporados, em alguns casos, acriticamente (SAYÃO, 2002, p. 5).

Por exemplo, trabalhei numa pré-escola onde só havia um homem em todo quadro efetivo de funcionários. Lembro das diversas vezes que a figura masculina era solicitada para mover objetos pesados do lugar, ou matar a barata que causava medo nas mulheres do ambiente. Essas diferenças de gênero para Sayão (2002):

São engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero (SAYÃO, 2002, p. 5).

As crianças são muito atentas e observam tudo que acontece à sua volta. Esse exemplo que citei diz muito sobre o que é ser homem, e o que é ser mulher no âmbito social. Ser homem no imaginário comum é ser forte e não ter medo de insetos, enquanto ser mulher é precisar do homem para estar em segurança e poupar esforços físicos.

Esse é apenas um dos muitos exemplos que estão presentes no nosso cotidiano, e quando refletimos criticamente sobre o papel social do homem e da mulher podemos facilmente ver nos contos de fadas clássicos a reprodução desses estereótipos. Entendemos que os contos de fadas contribuem para a construção de representações de papéis de gênero, pois os seus personagens em geral assumem esses papéis padronizados de como a mulher e o homem devem agir na sociedade.

Analisando esses e outros pontos, pudemos perceber que muitas crianças veem nas figuras dos personagens dos contos (sejam eles cinematográficos ou impressos em forma de livro) referências comportamentais e atitudinais que trazem influência para a sua formação. Segundo Cotta (2011):

Com as modificações das constituições familiares, os contos também convencem as crianças quanto às incertezas, medos, vitórias vividas pelas personagens que enfrentam situações de rejeição e abandono, mas que encontram de certo modo relações significativas e compensadoras no mundo em que vivem (COTTA, 2011, p.6)

Atentando para o fato do desenvolvimento das meninas e a possível influência dos contos de fada nesse processo, nossa pesquisa busca analisar a

construção do “feminino” em duas personagens principais de dois clássicos da Disney.

Princesas que não demonstram autonomia em situações diversas, bruxas maléficas, madrastas cruéis, mães que modelam suas filhas para ocupar posições sociais em busca do príncipe encantado, podem ser facilmente vistas nas produções cinematográficas que também estão presentes no ambiente escolar e que as crianças têm acesso. Essas representações constituem uma pedagogia cultural. Segundo Vidal (2008, p. 59):

Os contos de fadas são feitos para alguém, visam e imaginam determinados públicos, produzem e circulam conhecimentos onde jogos de poder estabelecem determinados saberes, determinadas verdades. Arelados às relações de poder, os discursos (e suas representações) veiculados em tais contos regulam, de algum modo, a conduta dos indivíduos, colaborando na construção de identidades, definindo formas de atuar, de ser e estar considerados aceitáveis em um determinado tempo e local. Constituem-se em uma pedagogia cultural e ensinam, entre outras coisas, modo de ser e viver na sociedade contemporânea (VIDAL, 2008, p.59).

Partindo da análise do perfil das personagens principais de dois filmes infantis, resolvemos fazer uma pesquisa visando refletir sobre a maneira que as mesmas estão presentes na vida das meninas.

A ideia de abordar esse tema surgiu de início a partir de um exemplo dado pela professora Maria Aparecida Tenório Salvador da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação, onde a mesma relatou uma monografia que relacionava questões de gênero com as brincadeiras desenvolvidas no espaço escolar. Junto a isso, lembrei das muitas vezes que visitava a vizinha da frente e ela sempre colocava clássicos de princesas da Disney para que eu assistisse. Lembro de ter assistido principalmente a Cinderela e Branca de Neve. Quando na aula foi problematizado essas questões de gênero na infância, pude refletir sobre minha formação pessoal.

O exemplo exposto pela professora nos levou a diversas reflexões sobre o passado, minha infância e meu relacionamento como mulher com a sociedade. Recordações me fizeram perceber que eu via nas princesas dos filmes (assim como tantas outras crianças) um estereótipo perfeito de mulher: belas, de bom caráter,

bem vistas pelas pessoas, e o melhor, sempre acabavam “felizes para sempre” com um príncipe de sorriso largo, morando em “castelos fantásticos”. De alguma maneira esses filmes causavam efeitos no meu comportamento. Lembro-me de inúmeras vezes que terceiros me comparavam com minhas irmãs relatando que eu parecia uma “princesa/mocinha” pelo fato de ter um comportamento admirável, ser muito passiva, educada e calma. Esses elogios reforçaram essa identidade, acreditei por muito tempo que meninas tinham que ser assim e olhava com julgamento quem não se comportava conforme o padrão ditado. A insegurança permeava minhas brincadeiras, não aprendi a andar de bicicleta por exemplo porque "meninas de joelhos ralados era feio", consegui uma cicatriz enorme nos joelhos uma vez que me acidentei e por muito tempo tive vergonha.

Hoje, enquanto futura professora e a partir de diversos estudos e discussões, percebo o quanto é importante a academia ter um olhar diferenciado para a formação da mulher.

A menina que vai ser mulher e cidadã amanhã precisa estar segura de seus direitos, deveres e das inúmeras coisas que é capaz de realizar e conquistar.

Em um curso de formação de educadoras e educadores esse olhar é de extrema relevância já que em espaços educacionais muitas oportunidades surgem (através de atividades, brincadeiras, projetos literários e vivências no geral) para que aos poucos sejam desconstruídos esses estereótipos, visto que as personagens principais dos filmes infantis da Disney estão presentes no cotidiano das crianças. Propagandas de fast food, comerciais de TV, cinema, temas de festas infantis, produtos de beleza e higiene pessoal, mobília do quarto da menina, roupas e sapatos, material escolar, entre outros. Somos bombardeadas diariamente com essas figuras femininas dos filmes, seus comportamentos, suas roupas e suas perfeitas aparências.

Problematizar essas figuras é necessário para que possamos refletir de forma crítica sobre esses perfis. Chechin (2014) diz que:

Somente com a problematização e a reflexão sobre essas imagens é possível ajudar as crianças a desenvolverem um senso crítico sobre os preconceitos de corpo, raça, etnia, geração e comportamento. Encontra-se aí a importância da educação para que se possa pensar modos de produzir uma maior conscientização ética (CHECHIN, 2014, p. 145).

A mulher tem alcançado muitos direitos através de lutas e ocupado lugares nunca antes imaginados. A cada dia mais mulheres se convencem da necessidade de apresentar às novas gerações possibilidades para escolherem a profissão que desejam, por exemplo, e autonomia para construir seu caminho ao seu modo com suas escolhas e isso só reforça nossa vontade de realizar essa pesquisa a fim mostrar ao maior número de mulheres possível que sim, elas podem e são capazes de serem mais do que a sociedade espera delas.

Com base nessas reflexões, nosso objetivo geral é: analisar a representação das mulheres nos contos de fada. E nossos objetivos específicos são: investigar as representações das mulheres a partir de duas princesas de filmes da Disney: Branca de Neve e Moana; refletir sobre os possíveis impactos dessas representações na educação das crianças; questionar modos por meio dos quais a escola poderia problematizar as representações estereotipadas das mulheres.

No primeiro capítulo da monografia, vamos dialogar sobre a origem dos contos de fada e seus impactos na sociedade e na educação, em particular. Os filmes da Disney inspirados nesses contos, estão presentes no cotidiano das pessoas e são sucesso na televisão desde que estrearam.

O primeiro longa-metragem da Disney, Branca de Neve, de 1937 até hoje estampa roupas e propagandas. Encontrar essa princesa em algum produto de beleza ou comercial de TV não é uma tarefa difícil. É certo que essas produções continuam marcando gerações e atuam diretamente na formação da identidade infantil.

Tendo em vista que as identidades infantis e suas representações são produzidas pelos discursos que se enunciam sobre ela, as representações sociais da infância são moldadas na e pela linguagem. A “virada linguística” concebe a linguagem como constituidora, em outras palavras, a linguagem forma sistematicamente os objetos sobre os quais narram. A cada época histórica forjam-se modelos hegemônicos, e certas narrativas são tidas como verdadeiras. As narrativas agora passam a ser vistas como formadoras do sujeito e, de acordo com Larrosa (1996), elas produzem as identidades, partindo-se da ideia de que somos o que contamos e o que nos contam, sob a influência dos lugares, tempo e vozes que narram, fazendo com que a narrativa se torne responsável pela formulação dos processos identitários. (CECHIN, 2014, p.134.)

No segundo capítulo temos a metodologia. Nela, vamos discorrer de forma mais detalhada sobre os objetivos e os caminhos traçados para chegar às respostas desejadas.

No terceiro capítulo, seguimos descrevendo e analisando a imagem de duas princesas da Disney, Branca de Neve (1937) e Moana (2016). As princesas foram escolhidas pela popularidade. Suas imagens são conhecidas mundialmente.

As representações das princesas da Disney estão presentes no cotidiano das pessoas há gerações. Segundo Cechin (2014):

Na crescente profusão de imagens nas quais as crianças estão imersas, determinados modos de pensar, agir e ser são ensinados e reconhecidos como legítimos. A educação imagética está cada vez mais presente na vida cotidiana das crianças, tornando-se um âmbito legítimo da educação das subjetividades, pois a formação da identidade perpassa diversos dispositivos e personalidades culturais. As representações culturais envolvidas nas imagens pictóricas estão apenas relacionadas a uma personalidade reconhecida conscientemente dentro da cultura e com as marcas do lugar dessa identidade na cultura. Dessa forma, as subjetividades são atravessadas por modelos identitários difundidos pelas imagens estampadas em filmes, brinquedos, roupas, revistas, etc. (CECHIN, 2014, p. 134).

As crianças são bombardeadas pela mídia com uma diversidade imensa de imagens. As imagens também educam, elas comunicam algo. A criança cresce construindo sua identidade tendo como base figuras de animações que estão presentes nos diversos lugares que frequentam. Pensando nisso, desenvolvemos esse trabalho entendendo a extrema relevância que o mesmo tem para a educação, visto que, a escola tem um importante papel no reforço ou não dessa pedagogia cultural. refletir essa “educação” imposta por imagens e pela mídia, justifica a escolha da nossa pesquisa.

## 1. ERA UMA VEZ

Neste capítulo, iremos dialogar sobre as origens dos contos de fada e a forma que estão presentes na nossa sociedade. Buscamos por meio do mesmo compreender em quais circunstâncias esses contos surgiram. culturalmente os contos são perpetuados nas sociedades por gerarem identificação do público que lê/ouve. Esse capítulo tem um lugar importante na construção da pesquisa, pois possibilita uma base fundamental para compreendermos a importância dessas histórias para os avanços da humanidade no que diz respeito à literatura, cultura e as infâncias.

Os contos de fada têm sua origem na linguagem oral e surgem em meados do século XVII na França. Conforme Santos et al (2017):

A primeira coletânea de contos infantis surgiu no século XVII, na França, organizada pelo poeta e advogado Charles Perrault. As histórias recolhidas por Perrault tinham origem na tradição oral e, até então, não haviam sido documentadas. Oito estórias foram contempladas nessa coletânea: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Sendo assim, a Literatura Infantil como gênero literário nasceu com Charles Perrault, mas só seria amplamente difundida posteriormente, no século XVIII (SANTOS et al., 2017, p. 5).

Nessa época, os contos eram bem diferentes do que vemos atualmente. Permeados de violência, sexo e crueldade, essas histórias eram transmitidas de geração em geração. Segundo Santos et al. (2017), os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm alteraram essas histórias e documentaram de forma menos polêmica influenciados por questões religiosas que já dominavam a sociedade da época. Bettelheim (1997) também afirma que “os contos e lendas europeus frequentemente eram resíduos de temas religiosos cristãos não aceitos, porque a cristandade não tolerava as tendências pagãs sob forma aberta”. Percebemos que a religiosidade foi um dos fatores responsáveis por esses novos formatos dos contos. Desde sempre a religião tem influência sobre normas e padrões sociais. Algumas das alterações feitas nesses contos mudam totalmente a ação das personagens principais desses clássicos, como é o caso da *Chapeuzinho Vermelho* que segundo Tatar (2013) nas versões mais antigas, a personagem tem um papel mais heróico e não precisa de caçador para ser salva do lobo, já numa versão oral registrada na França no final do

século XIX, a menina teria usado como estratégia um striptease para que o lobo pudesse sair para “se aliviar” tendo assim conseguido se livrar do mesmo.

Os contos de fadas eram passados de geração em geração sendo contados pelos mais velhos, essas narrativas estavam presentes no cotidiano das pessoas. Conforme Pondé e Ilan (2019), “O mundo era oral antes de ser escrito”. Também nessa época, o mundo estava começando a enxergar a criança como um sujeito que precisava de um tratamento diferente dos adultos, até pouco tempo antes disso, segundo esses autores as crianças morriam. Morriam por serem mais frágeis e não terem os cuidados devidos e pasmem, muitas vezes nem recebiam um nome. Ainda segundo Pondé e Ilan (2019), o conceito de infância também não existia. Com sete anos as crianças já trabalhavam, iam para a guerra não existia literatura para criança, médico especializado nem roupas infantis. Certamente as crianças tinham acesso livre para ouvir essas narrativas, já que não havia distinção de faixa etária.

Os contos eram como as revistas do passado, algumas vezes eles serviam como forma de entretenimento para adultos, outras tinham a intenção de alertar as pessoas sobre perigos comuns daquela sociedade. Conforme Santos et al. (2017), “As histórias antigas apresentavam personagens assustadores; as pessoas que contavam não se importavam com as consequências que poderiam causar às pessoas que ouviam.”

Os contos também servem para educar e ditar padrões comportamentais. Por exemplo, quando lembramos da história da Chapeuzinho vermelho, me recordo das inúmeras vezes que ouvi essa história sendo alertada para o fato de não ouvir estranhos e nunca seguir novos caminhos. Na história a personagem sentiu as consequências dessas duas ações. Alguém que ela muito amava sofreu por suas decisões. Sua vovozinha recebeu a infeliz visita do lobo malvado. Por exemplo: se Chapeuzinho não tivesse ouvido aquele estranho, e ido por um caminho diferente daquele que sua mãe tinha ensinado, talvez nós não teríamos tanto medo e cuidado com estranhos e atalhos desconhecidos. Conforme Bettelheim (1997):

Chapeuzinho Vermelho é amada universalmente porque, embora virtuosa, sofre a tentação; e porque sua sorte nos diz que confiar nas boas intenções de todos, que nos parecem tão bons, na realidade deixa-nos sujeitos a armadilhas. Se não houvesse algo em nós que aprecia o lobo mau, ele não teria poder sobre nós. Por conseguinte, é importante entender sua natureza, mas ainda importante é aprender o que a torna atraente para nós.

Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo toda a vida (BETTELHEIM, 1997, p.10).

Os contos nos ensinam, e ditam muitas vezes nossas decisões mediante a acontecimentos da vida. Essas histórias estavam imersas na cultura francesa e em outras regiões da Europa como a Alemanha. Elas faziam parte do contexto histórico e social da comunidade que se inseria. Uma prova disso é que muitas histórias têm mais de uma versão e cada versão condiz com o momento histórico vivenciado. Segundo Cotta (2011):

[...] não é possível asseverar sobre as origens dos contos por terem em sua essência relatos do cotidiano e estarem situados em um contexto histórico, social e cultural. Cada conto pode ser apreendido na cultura cujos usos, costumes e mentalidades refletem nas narrativas; é parte de um patrimônio histórico da humanidade e que possivelmente irá se manter e perpetuar ao longo de gerações futuras. Como eixo comum entre os contos de diferentes contistas e escritores está a tradição oral (COTTA, 2011, p. 4).

### **1.1 NUMA ÉPOCA BEM DIFERENTE...**

Com as mudanças sociais, muitos avanços no que diz respeito aos contos foram acontecendo, principalmente pelo fato do olhar para a infância ter começado a ser construído partindo da necessidade de usar essas histórias como instrumentos de educação moral e cristã. Conforme Santos et al. (2017), o dinamarquês Hans Christian Andersen, teve um importante papel na história da literatura infantil. Ele teria completado o acervo seguindo a linha de pensamento dos irmãos Grimm, que acreditavam que os contos deveriam sofrer alterações para serem apresentados às crianças.

As histórias deveriam ser permeadas pelos mesmos ideais, defendendo valores morais e a fé cristã. Um aspecto importante difere as histórias de Andersen das narrativas anteriores, pois, baseado na fé cristã, criou elementos que falavam às crianças sobre a necessidade de compreender a vida como um caminho tortuoso, a ser percorrido com retidão e resiliência para que enfim, na morte, o céu fosse alcançado. Os contos de Andersen são considerados os mais tristes, pois muitos deles não apresentam um final feliz. A história "A Pequena Vendedora de Fósforos" é um exemplo que ilustra bem o estilo de Andersen. Ele conta a vida de uma menina vendedora de fósforos que morre de frio e fome (SANTOS ET AL, 2017, p. 6).

Com os inúmeros avanços da medicina e da tecnologia, as crianças passaram a ser vistas como um público que precisava de uma atenção especial. O conceito de infância começou a ser formado e esses contos passaram a ser

reelaborados para crianças. Estes sofreram alterações tornando-se mais atrativos e encantadores, sempre com alguma lição de moral as narrativas passaram a ganhar popularidade em várias culturas por terem adquirido várias versões na mídia e acabaram conquistando adultos e crianças no mundo todo. Conforme Cotta (2011):

Na atualidade, esses contos, em traduções escritas e fílmicas, fazem parte do universo infantil. Tornaram-se histórias clássicas para crianças de diversas idades. Certamente, permanecem nesse universo infantil como uma literatura de fácil acesso e frequentemente recomendada ou recontada para as crianças nas escolas e por familiares. É reconhecida a função dos contos na construção do imaginário infantil, sendo também uma forma de as crianças se relacionarem com mundo interior e exterior, que suscita a atividade criadora, constituidora de regras de convívio com a realidade. (COTTA, 2011, p. 32).

Os Contos ganharam novas formas. Temos como exemplo os filmes. Os filmes estão dentro das casas e nas escolas. Suas músicas não desgrudam da mente de quem ouve. Refrões repetitivos e cantados com todo sentimento vivido pelos personagens, se tornam trilha sonora da sociedade por gerar identificação.

Quando falamos de filmes infantis, é impossível não pensar na Disney. A Disney foi fundada em 1923, pelos irmãos Walt Disney e Roy Oliver Disney. É considerada uma empresa pioneira no ramo das animações.

A popularidade das animações da Disney não se deu sem explicações, acontece que nos enredos dessas histórias as pessoas encontraram semelhanças com suas vidas. Segundo Aguiar e Barros (2015), esses contos agem no imaginário das crianças fazendo uma ponte entre a ficção e a realidade e muitas vezes se encaixam na vida das crianças quando por exemplo retratam algum medo ou angústia que a mesma vivencia. Essa auto identificação se dá pela familiaridade que quem assiste sente com situações vividas pelos personagens.

Assim, os contos de fadas despertam o imaginário de crianças e adultos, mas, além disso, apresentam uma vinculação com o mundo real que pode ser facilmente percebida se for analisado o contexto em que se inserem. Desta forma, dada a transcendência temporal dos contos de fadas, é possível serem assistidos após décadas do seu lançamento e ainda apresentarem um vínculo com a realidade. (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 3).

Os contos trazem esperança para as crianças, nutrem os sonhos. Não é à toa que crescemos em busca do “felizes para sempre”, fomos inundados pela magia desses filmes, acreditamos que o bem sempre triunfa no final.

## 1.2 QUE NEM ERA TÃO DISTANTE ASSIM

Os contos e filmes estão muito perto das nossas crianças. Estão nas suas casas, escolas e quartos. Na escola, esse primeiro contato geralmente acontece através da narração oral da professora. A história é contada sobre o olhar atento e curioso das crianças que se encantam com os personagens. Segundo Santos et al. (2017):

A palavra tem para a criança um poder mágico e a narrativa oral produz ótimo resultado. O contador de histórias poderá criar situações que permitam ao ouvinte interagir, estratégia que auxilia na compreensão e na constatação de significados, os quais darão sentido à narrativa. Esse cuidado é fundamental para despertar o interesse e o entusiasmo na criança, além de refletir sobre as situações apresentadas nos diversos contos de fadas, como por exemplo: contexto familiar, econômico, político e social, relações de poder, entre outros (SANTOS et al, 2017, p. 7).

Nas práticas pedagógicas as histórias dos filmes e Contos de Fada, aparecem também em projetos teatrais, musicais etc. Esses Contos são utilizados com o intuito principal de despertar na criança o gosto pela leitura e pelos livros através da fantasia. Cotta (2011) diz que:

Por meio de um conto ou uma história que não é real, com a predominância do maravilhoso, podem estar de modo disfarçado os sentimentos que habitam o interior da criança, como o sentimento de raiva ao ser abandonado pelos pais ou a possibilidade de vencê-los em esperteza; passando para a criança mensagens importantes para sua vida, como nunca desistir perante os obstáculos por mais que no início pareçam difíceis (COTTA, 2011, p. 7).

No entanto, esse intuito de inserir a criança no mundo do faz de conta se valendo da ação dessas histórias no imaginário, geralmente é acompanhado por irrealidades que são nutridas no ilusório das mesmas, que, encontram semelhanças entre sua vida e acontecimentos vividos pelos personagens infantis e passam a acreditar em utopias.

Estimuladas por este mundo de fantasia, as crianças crescem e desenvolvem suas expectativas com base em um mundo irreal, que existe apenas nos filmes e nos contos que eles narram: a espera pelo príncipe encantado, a beleza estereotipada e a certeza do final feliz (AGUIAR; FREITAS, 2015, p. 1).

Na contemporaneidade, em virtude do aumento considerável do acesso da população às diversas mídias, o contato das crianças com os contos de fadas é algo

comum tanto em casa como em outros ambientes que essas crianças costumam frequentar. Nos objetos, nas roupas, na televisão, em festas de aniversários e em tantos outros itens/lugares os personagens estão presentes e acompanham essas crianças durante boa parte do seu desenvolvimento.

Apesar das fantasias que as crianças constroem da vida real tendo os contos como consideráveis referências, algumas educadoras e educadores compreendem que os gêneros textuais e audiovisuais despertam a curiosidade das crianças através dos personagens e suas interpretações, aguçando a imaginação e fazendo-as mergulhar no mundo da leitura e do faz de conta permitindo que o professor interaja e se conecte com seus alunos.

As habilidades do professor/narrador propiciam um enriquecimento mútuo: as crianças motivadas aprendem novos significados de forma prazerosa e o trabalho do professor é beneficiado ao encontrar um “solo fértil” para as sementes do “saber” germinarem, numa eclosão de conhecimentos. A história deixa de ser mera repetição para se tornar dinâmica, viva, alegre e envolvente (SANTOS et al, 2017, p. 7).

As personagens principais femininas dos contos recebem destaque diferenciado das demais. Podemos afirmar isso observando por exemplo as diversas propagandas e itens que são lançados destacando essas princesas. Em lojas de roupas infantis, a sessão das meninas se sobressai a vista pela cor rosa, chamando atenção para as muitas imagens das princesas da Disney estampadas. Cito a sessão infantil, mas na sessão dos adultos também é muito fácil encontrar essas representações. A figura das princesas tanto clássicas como contemporâneas são consumidas pelas mais diversas idades. Geralmente, estas são retratadas exatamente da maneira que aparecem na história, reforçando as representações de gênero. Segundo Cotta (2011): “Às dificuldades femininas estão em integrar e superar feridas afetivas, os sentimentos feridos. Isso se reflete nos contos, considerados uma história coletiva e não pessoal”.

Essas histórias consideradas coletivas por essa autora, conforme Tatar (2019), “foram transplantadas com grande sucesso para o quarto das crianças, onde florescem na forma de entretenimento e edificação”. Ainda segundo Tatar (2019):

Os contos de fada são íntimos e pessoais, contando-nos sobre a busca de romance e riquezas, de poder e privilégio e, o mais importante, sobre um caminho para sair da floresta e voltar a proteção e segurança de casa.

Dando um caráter terreno aos mitos e pensando-os em termos humanos em vez de heróicos, os contos de fadas imprimem um efeito familiar às histórias no arquivo na nossa imaginação coletiva (TATAR, 2019, p. 8-9).

Essas histórias coletivas, tem nas personagens principais figuras que ganharam a afeição comum por serem em sua maioria virtuosas, cheias de bondade e religiosas.

## **2. UMA MENINA DE CORAÇÃO INQUIETO**

Nossa pesquisa busca analisar a representação das mulheres nos contos de fada. Tendo como questões problematizadoras: “Quais as representações das mulheres presentes nos contos de fada? Essas representações podem impactar na formação/educação das crianças?” Este trabalho busca traçar o perfil de duas princesas da Disney, são elas: Branca de Neve (1937) e Moana (2016).

A partir da análise do comportamento, das falas, ações, vestimentas, e do meio em que vivem, por exemplo, buscamos traçar uma linha de pensamento para entender quais características são associadas as mulheres nesses filmes. Para construção desse trabalho foi utilizado literaturas e pesquisas baseadas nas figuras principais dos contos de fada. Usamos como base teórica trabalhos de outros pesquisadores, a fim de compreender os possíveis impactos das mesmas no meio social e na educação das crianças, em particular.

Diante disso, nosso objetivo geral é analisar a representação das mulheres nos contos de fada.

Sabendo que a escola é um ambiente diverso em culturas e ideologias, nossa pesquisa permeia questões de gênero, infância, educação e sociedade. Assim, dois objetivos específicos foram elaborados com a finalidade de compreender como essas questões estão conectadas.

O primeiro objetivo específico consiste em analisar duas princesas da Disney (Branca de Neve 1937 e Moana 2016) e suas representações nos filmes. Como

agem, como se vestem e o que suas linguagens, sejam orais ou corporais, comunicam.

Para atingir esse objetivo, usamos como um dos instrumentos a pesquisa documental, que, segundo Marconi e Lakatos (2003), se caracteriza pela fonte de coleta restrita a documentos escritos ou não. Assim, compreendemos que examinar documentos pode resultar em importantes fontes de dados para a pesquisa. Nesse caso, os documentos analisados serão documentos que Godoy (1995) chama de escritos e iconográficos. Os documentos iconográficos, segundo Marconi e Lakatos (2003), abrangem entre outros materiais, imagens, gravuras, desenhos e pinturas. Essa variedade de fontes teve extrema relevância durante nossa tarefa de traçar o perfil das mulheres desses filmes infantis. As imagens retiradas das cenas das produções, foram observadas com o objetivo de entender a forma que as mesmas se comportam no filme.

É importante destacar que as duas princesas da Disney foram escolhidas pela popularidade que ambas alcançaram mundialmente. Branca de Neve é muito conhecida há décadas e foi a primeira princesa que a Walt Disney lançou oficialmente. Já a princesa Moana, estreou nos cinemas em 2016, sendo até a presente data a última princesa lançada pelo grupo Disney.

A primeira e a última princesa foram escolhidas de forma intencional, tendo em vista que décadas separam as duas produções, essa distância de época favorece a análise no sentido comparativo. Será que a imagem da mulher nos filmes da Disney mudou conforme a sociedade ao longo dos anos? Essa é uma indagação que norteou o segundo objetivo específico que basicamente busca: Entender como essas representações podem influenciar na formação da menina. Como Branca de Neve ainda está presente nas infâncias e de que forma ela é representada? Da mesma forma Moana. O que difere as ações da primeira princesa da Disney e da última? O que realmente mudou? Buscamos estas respostas por meio de trabalhos já publicados, que nos permitiram realizar as análises necessárias. As pesquisas foram feitas em sites acadêmicos, através de buscas com as palavras-chaves que descrevem nossa pesquisa.

Foi feito um levantamento onde buscou-se respostas que nos trouxeram a compreensão do fenômeno que esperávamos entender melhor. Inicialmente, nossa

proposta era realizar uma pesquisa de campo na escola, mas a pandemia interferiu nos nossos planos e foi necessário adaptar para o que era possível dada as circunstâncias.

Ao pensar esta metodologia, concluímos que pesquisar implica esforço do pesquisador com objetivos em vista, procurando realizar análises diversas a fim de alcançar metas buscando respostas para suas questões. Foi pensando nessa intensa busca por respostas, partindo da possibilidade de análise dos métodos de dados, que resolvemos fazer uma pesquisa de caráter qualitativo. Conforme Godoy (1995), através da pesquisa qualitativa “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.”

No próximo capítulo, vamos analisar Branca de Neve e Moana. O que a representação dessas princesas comunica? O que suas atitudes demonstram? Vamos observar criticamente o que essas duas princesas da Disney têm a nos dizer.

### 3. ELA ERA UMA LINDA E SONHADORA PRINCESINHA

Neste capítulo faremos a análise dos filmes das duas princesas da Disney observando os detalhes de suas representações. Esse capítulo é primordial para entendermos quem de fato são essas personagens. Consideramos importante destacar aqui também, que essas análises foram utilizadas para chegarmos a respostas de várias indagações pontuadas na metodologia.

“Era uma vez uma linda princesinha chamada Branca de Neve.” Assim se inicia o famoso clássico Branca de neve e os sete Anões lançado pela Disney em 1937. Na trama, Branca de Neve é uma jovem princesa de 14 anos que exala beleza e inocência. Ela mora num castelo com sua invejosa madrasta. A beleza de Branca de Neve é a única motivação dos maus pensamentos da rainha em relação à menina. Sua madrasta não aceitava o fato de ter perdido o posto de mais bela para a gentil donzela. Bettelheim (1997) afirma que:

Embora saibamos que a mãe morreu quando ela nasceu, nada de ruim sucede a Branca de Neve durante os primeiros anos, apesar de a mãe ser substituída por uma madrasta. Esta só se transforma numa “típica” madrasta de contos de fada depois que Branca de Neve faz sete anos e começa a amadurecer. Então a madrasta começa a sentir-se ameaçada por Branca de Neve e passa a ter ciúmes. O narcisismo da madrasta é demonstrado pela sua busca de confirmação quanto à beleza no espelho mágico muito antes de a beleza da Branca de Neve eclipsar nela (BETTELHEIM, 1997, p.28).

Segundo Tatar (2013), a versão da Disney ameniza a violência presente no clássico original dos irmãos Grimm, onde a rainha má, é na verdade a mãe da menina. Também segundo esta autora, o conto é narrado de diferentes maneiras em diversos países no mundo. A violenta maneira que a rainha má pede a comprovação da morte da princesa, parece uma verdadeira história de terror.

A rainha de Disney, que pede coração de Branca de Neve ao caçador que a leva para o bosque, parece contida se comparada a rainha má dos Grimm, que ordena ao homem que volte com os pulmões e o fígado da moça, na intenção de comê-los cozidos na salmoura. Na Espanha, a rainha, ainda mais sanguinária, pede uma garrafa de sangue cujo rolha seja o dedão da menina. Na Itália, ela instrui o caçador a voltar com os intestinos da moça e sua blusa ensanguentada (TATAR, 2013, p. 94).

Ainda conforme esta autora, a produção da Disney polariza dois perfis de mulheres: Uma inocente e jovem princesa, conhecida por sua beleza, gentil e tendo como grande marco sua inocência, e outra, uma assassina invejosa, tomada pela frieza. Esses dois perfis totalmente antagônicos protagonizam cenas que fazem parte do imaginário popular. Branca de Neve e a Rainha Má são mulheres que marcam a vida da mulher na sociedade. Denotam o que devemos ser e o que não devemos respectivamente.

Branca de Neve é a primeira princesa da Disney. A personagem dos irmãos Disney, foi pensada para transmitir inocência e beleza. Ela é doce, gentil e suave. Sua expressão corporal comunica delicadeza e realeza. Vemos na personalidade da princesa, uma menina sonhadora e romântica. Seu objetivo de vida é reencontrar o príncipe, se casar com ele e ir morar no castelo.

Com os "lábios vermelhos como sangue, cabelo negro como ébano e pele branca como a neve", na trama a princesa tem uma postura melancólica e alegre, e vive rodeada por seus amigos (anões e animais da floresta).

O "Bela" no título foi escrito de forma proposital. Analisando o perfil da Personagem no filme, vemos que sua beleza é o ponto chave dos males que lhe acontecem. A beleza da menina causa uma inveja assassina na madrasta. Branca de Neve claramente transmite para o público a ideia de vulnerabilidade e incapacidade.

Na primeira cena em que aparece no filme, Branca de Neve está lavando o chão, rodeada por pássaros, logo, ela começa a cantar *"Um dia eu serei feliz sonhando assim, aquele com quem eu sonhei e quero pra mim"*.

Branca de Neve aparece lavando a escadaria externa do palácio logo no início do filme, mais tarde, ela chega à casa dos anões e faz uma "faxina geral" em uma das cenas mais longas em que a princesa, com meiguice e bom humor, se surpreende com a bagunça e a sujeira e distribui tarefas para os animais da floresta que a acompanham. Ela também prepara sopa para os anões e os ensina o modo correto de tomá-la e, além disso, exige que os anões se lavem antes da refeição (CECHIN, 2014, p.137).

Sempre cuidadosa com a limpeza e organização dos ambientes, Branca de Neve segundo Cechin (2014), assim como outras princesas da Disney "apresentava bom comportamento e passividade inclusive essas princesas não agiam para

transformar os seus destinos e as suas vidas cabendo essa tarefa aos animais, as fadas madrinhas e outros personagens”.

Aparentemente, no filme, o principal objetivo da princesa é casar com o príncipe e ir morar no castelo para finalmente ser feliz. É seu grande sonho. Em outra cena da produção, ela aparece falando com alguém em oração e pedindo que seus sonhos se realizem. Branca de Neve era uma menina de fé que sonhava e acreditava que seus sonhos poderiam ser realizados.



Figura 1: Branca de Neve roga ao divino para que os anões sejam abençoados e para que seus sonhos se realizem.

Em sua primeira aparição no filme, o príncipe surge com vestes reais montado em um cavalo branco, cantando uma canção. A menina foge, se esconde atrás da cortina vermelha de um cômodo do castelo e parece demonstrar preocupação com a aparência.

A preocupação com as vestimentas também é um tema recorrente nos filmes dessas princesas. Branca de Neve aparece com roupas remendadas no início do filme e se esconde atrás da cortina ao se encontrar com o príncipe, demonstrando vergonha por suas vestes simples (CECHIN, 2014, p.138).

Branca de Neve confere a roupa, organiza os cabelos e surge na varanda com gestos corporais cheios de graciosidade e delicadeza para prestigiar o canto do belo rapaz.



Figura 2: Branca de Neve se esconde do príncipe e confere a organização da roupa



Figura 3: Branca de Neve arruma o cabelo para poder prestigiar o canto do príncipe na varanda

Vemos na linguagem corporal de Branca de Neve muita precisão gestual, como se cada movimento tivesse sido ensaiado para demonstrar realeza e delicadeza. Em seu artigo, Cechin diz que a influência barroca instituiu regras de controle ao corpo, disciplinando gestos, postura e comportamento:

A etiqueta barroca instituiu regras disciplinares para rebuscar o corpo, ostentando poder através das vestimentas elaboradas, muitas jóias, maquiagem, sapatos de salto alto, perucas ornamentadas, bem como os gestos, as danças e os maneirismos. É o controle sobre o corpo, a postura e o comportamento requintado que define o status social dos sujeitos através de uma especularização dos corpos. Com a propagação da higiene, esta se torna um dos parâmetros para considerar alguém como “culto” e “correto” (CECHIN, 2014, p.137).

Branca de neve, sempre muito bondosa demonstra preocupação com os animais e aparentemente tem muito amor pela natureza. Podemos ver isso quando ela consola e se preocupa com um pequeno pássaro triste e tenta ajudá-lo e quando passeia cantarolando apanhando as flores do caminho.

Na trama, no momento em que o caçador não consegue matar a menina e pede para que ela fuja para a floresta, é perceptível o medo que a Branca de Neve sentiu quando se viu sozinha naquele lugar escuro. Seu medo era tanto, que sua mente personificava elementos da natureza transformando-os em criaturas horrendas como num filme de terror.



Figura 4: Branca de Neve sozinha na floresta

A menina cai no choro, e no dia seguinte leva um susto quando pequenos animais se aproximam sem que ela perceba. Sua fala nesse momento também chama muito atenção: *“Ora, por favor não fujam. Não lhes farei mal algum. Eu sinto muito, eu não queria assustar vocês, mas se soubessem o que passei, tudo porque tive medo. Estou envergonhada pelo que fiz”*.

O desespero da menina por estar só era tanto, que ela se desculpa e se justifica mediante uma situação simples. Ela não se dava o direito de ser deselegante em momento algum, sempre com um tom de voz baixo e suave ela praticamente implorou pela companhia dos bichos da floresta, para Cechim (2014) o comportamento das princesas é representado por condutas “virtuosas” que denotam o “bem supremo”.

A cena continua e ela começa a entoar outra canção: *“ No meu mundo feliz todos vivem sorrindo cantando um canto de paz que meu mundo traz . No meu mundo feliz só existe uma grande alegria, isso também só meu mundo trás.”*

Branca de Neve vivia num mundo à parte, no seu mundo. Onde tudo era perfeito e sem tristeza, onde a paz reinava. A fé que a personagem tem nesse

mundo tão encantador, nos leva a nutrir na imaginação um lugar onde nada de ruim existe. Quem nunca imaginou um mundo perfeito? Sem tristeza, nem solidão? Branca de Neve vivia nesse mundo imaginário, sua personagem vive de ilusões. Esse mundo mágico do sonho, foi pensado pelos irmãos Disney quando idealizaram A Disney, famoso parque temático onde essa magia é “real”, onde o “felizes para sempre acontece”.

Walter Elias Disney (1901-1966) foi o idealizador desta “terra encantada”, onde as aventuras dos filmes e os personagens são vividos em um parque de diversões, que se tornou o símbolo de uma grande corporação que vende entretenimento para praticamente todo o mundo. O slogan “eu acredito em fadas”, alusivo ao filme Peter Pan, promete a realização de sonhos na possibilidade de encontrar os personagens da Disney, inclusive a Cinderela, sua carruagem e seu castelo. Isto é, a Disney faz parecer que existem aqueles personagens de contos de fadas e desenhos animados. O sonho realizado prometido é o sonho de consumo acompanhado da promessa de gozo e satisfação “mágica”. (CECHIN, 2014, p.133).

Seguindo nas observações do filme, é perceptível como Branca de Neve demonstra necessidade de companhia para se sentir bem e feliz. Depois da canção ela afirma para os animais: *“Eu me sinto tão feliz agora, com vocês eu não tenho mais medo.”*

A jovem princesa precisa de alguém sempre por perto, mesmo que esse alguém sejam animais. Ela depende de companhia para se sentir sem medo.

Ainda nessa cena, Branca de Neve diz que vai precisar de um lugar para dormir e pergunta se os bichos sabem de algum lugar. Eles acenam afirmando em seguida ela diz: *“Vocês querem me levar?”*

A personagem não tem nenhuma ação para resolver seu problema, literalmente os animais a conduzem até a casa dos sete anões. Uma personalidade extremamente passiva e sem iniciativas. É o que a princesa do clássico da Disney perpassa.



Figura 5: Os animais levam Branca de Neve até a casa dos sete anões

Assim que entra na “casinha de boneca” como ela se refere a casa dos anões, Branca de Neve repara na sujeira e bagunça do lugar. Passa o dedo dos móveis, fica indignada com a quantidade de poeira, supõe que a casinha pode ser de órfãos e tem uma ideia: *“Já sei, se nós limparmos a casa talvez eu possa ficar aqui”*.



Figura 6: Branca de Neve assustada com a sujeira da casa dos anões

Primordialmente as mulheres tinham que demonstrar ter zelo pelo lar, ser boa nas tarefas domésticas para merecer um bom marido. Nas palavras de Bettelheim (1997):

Branca de Neve leva uma existência pacífica durante algum tempo, e sob a orientação dos anões, transforma-se de criança incapaz de lidar com as dificuldades do mundo, numa garota que aprende a trabalhar bem e gosta disso. É o que os anões solicitam dela para que viva com eles; pode ficar e não lhe faltará nada se “você tomar conta da casa, cozinhar, arrumar camas, lavar, costurar e remendar e conservar tudo limpo e organizado”. Branca de Neve torna-se uma dona de casa, como sucede com muitas meninas que quando a mãe está fora, tomam conta direito do pai e da casa e até mesmo dos irmãos (BETTELHEIM, 1997, p. 33).

Esperar esse comportamento de extrema limpeza e organização das mulheres está enraizado na sociedade. Branca de Neve mais uma vez reforça um comportamento que é reproduzido a séculos por mulheres de diversos lugares do mundo, requisitos da mulher perfeita: Saber lavar, costurar, limpar e cozinhar. E ainda fazer tudo isso demonstrando satisfação, cantando com alegria.

Em muitos momentos do filme, Branca de Neve traz à tona seu lado maternal. No momento dos serviços domésticos, por exemplo, por duas vezes ela reclama com os animais que estão executando as atividades de maneira errada. A princesa intervém usando frases do tipo: “Assim não”!, “Que feio”!. Os animais nesses momentos parecem crianças fazendo algo que desaprova a mãe. Branca de Neve tem a atitude de delegar atividades domésticas aos animais, cada um fica responsável por uma tarefa, enquanto ela canta e participa de tudo supervisionando e executando.

Quando os sete anões finalmente chegam em casa depois do trabalho, reparam que a porta está aberta e a casa está limpa. Quando se deparam com a beleza da princesa ficam maravilhados. O argumento da personagem para convencer os pequenos homens do por que deveria ficar na casa foi a seguinte: “*Se me deixarem ficar, eu tomo conta de tudo, eu lavo, varro, costuro e cozinho. Sei fazer boas tortas e bons pudins.*”

Branca de Neve tem uma imagem muito forte na formação da mulher contemporânea. Apesar de ser a princesa mais antiga da Disney, seu legado tem se perpetuado e passado de geração em geração. Sua delicadeza e bondade

influencia na personalidade de pessoas do mundo todo. Problematizar é necessário para que através da reflexão as pessoas desenvolvam uma consciência crítica sobre o papel social da mulher.

Conforme Cechin (2014):

Somente com a problematização e a reflexão sobre essas imagens é possível ajudar as crianças a desenvolverem um senso crítico sobre os preconceitos de corpo, raça, etnia, geração e comportamento. Encontra-se aí a importância da educação para que se possa pensar modos de produzir uma maior conscientização ética (CECHIN, 2014, p.145).

A problematização das princesas pode ocorrer dentro das escolas. Entendendo a escola como um ambiente diverso e ideológico, e sabendo que essas figuras e seus filmes estão presentes nesse ambiente, muitas professoras se valem dos filmes para realizar atividades sociais (dia de cinema por exemplo) ou até na própria prática por ser do interesse das crianças. Para Carvalho, Oliveira e Carvalho (2010):

Ao trabalhar diretamente com essas produções cinematográficas no espaço educacional, reafirmam-se discursos implícitos sobre o que é ser menina e menino, e mesmo quando as crianças têm liberdade no momento do brincar, acabam reproduzindo os papéis representados por estereótipos, preconceitos e desigualdades de gênero. A utilização dos filmes sem uma análise crítica, faz com que a criança passe a receber uma educação com referenciais limitados sobre o feminino e masculino (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 158).

A professora e o professor que atua na Educação Básica ao fazer uso desses filmes de princesas em suas aulas, deve perceber a forma que esse material educativo vai ser apresentado às crianças. É necessário expandir a reflexão em torno dessas figuras e não apenas reproduzir o que já está explícito nas produções.

A escola como um lugar de múltiplas culturas, precisa promover uma educação libertadora, oferecendo às crianças a oportunidade de pensar sobre os conhecimentos construídos, e fazer uso de situações do cotidiano para problematizar questões sociais a fim de possibilitar a ampliação da visão do educando para o fenômeno apresentado.

A escola constituiu-se ao longo dos anos como lugar do conhecimento científico, mas também como o ambiente de aprender práticas e valores. A educação possui o aspecto de delimitar as ações, assim como a escola separa e institui aquilo que pode ou não pode, por

meio das regras ou normas que, em sua maioria, têm cunho moral e ético (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 156).

No ambiente familiar, as crianças assistem aos filmes apenas como forma de entretenimento. Na sala de aula surgem oportunidades dialógicas para problematização das princesas. As próprias crianças trazem para o ambiente escolar suas percepções e pensamentos acerca do tema, mesmo que de forma sutil numa simples brincadeira.

Sabemos que a escola não é o único lugar em que essas figuras estão presentes, mas ainda conforme Carvalho, Oliveira e Carvalho (2010) esse ambiente pode possibilitar a desconstrução desses perfis. Nas palavras dessas autoras:

A escola não é a única responsável pela difusão de discursos androcêntricos, todavia, é um ambiente em que é possível a promoção de diálogos, questionamentos e discussões, a fim de contribuir para a desconstrução de preconceitos acerca dos gêneros favorecendo a construção mais igualitária do conhecimento (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 159).

Branca de Neve nos ensina que enquanto mulheres precisamos nos preocupar o tempo todo com a aparência e com as boas condutas, além de depender de um príncipe para ser salva. Nas escolas, além de questões de gênero, também podemos usar essas figuras para dialogar sobre racismo, machismo e heteronormatividade. Nas palavras de Carvalho, Oliveira e Carvalho (2010):

Lançando foco sobre as animações da Disney Princesas, é possível afirmar que essas produções contêm representações que perpetuam o machismo, o sexismo, a heteronormatividade, o racismo, que constituem-se como sistemas estruturais que reproduzem violências e desigualdades existentes na sociedade e que se repetem ao longo do tempo e das gerações. Passam como se fossem neutras e naturais, para olhares não atentos, encantados pelo entretenimento. A partir do momento em que é apresentado para criança apenas um referencial sobre feminilidade e masculinidade, limita-se o universo de possibilidades de ser, fazer e viver o mundo (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 159).

É de suma importância que a criança tenha contato com diversos papéis sociais do que é o feminino e do que é o masculino. A subjetividade precisa ser construída sobre uma perspectiva ampla. A criança precisa se perceber: quem é, o que é capaz de fazer e onde pode chegar.

A professora da Educação Básica deve favorecer o contato das alunas e alunos com as múltiplas linguagens que os rodeiam. Ainda para Carvalho, Oliveira e Carvalho (2010): “A educação tem a função de escolarizar o corpo por meio do uso dos conteúdos, discursos, linguagens e comportamentos”. Essa função social da educação implica nas práticas realizadas no chão da escola. Ao compreender que a escola atua diretamente na sociedade, intervenções são desenvolvidas para que novas perspectivas sejam disseminadas. Nas palavras dessas autoras:

Percebe-se que o modelo educacional presente na sociedade serve como um delimitador dos sujeitos, na qual sua formação será pautada por um conjunto de ideias políticas. Revela também quais posições sociais serão ocupadas e que funções serão desenvolvidas pelos mesmos, uma vez que tais funções já são esperadas (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 157).

Dessa forma, a professora da educação infantil, por exemplo, deve entender a importância do seu papel na formação da mulher na sociedade.

Na rotina escolar, “normas sociais” que ditam como uma mulher e um homem devem agir mesmo na infância, precisam ser questionadas. Separar brincadeiras de meninas e meninos, literatura, música e esportes por exemplo, contribuem para a perpetuação desses estereótipos das princesas passivas, da mulher frágil que precisa de um homem para resolver seus problemas.

Vamos seguir analisando Moana - Um mar de aventuras, qual será a mensagem principal da produção? O filme da princesa Moana foi lançado pelos estúdios Disney exatamente 79 anos depois da Branca de Neve e os Sete Anões. Será que as personagens femininas acompanharam as mudanças sociais de gênero? Vejamos.

### **3.1 UM DIA, A MENINA DECIDIU IR EM BUSCA DO SEU PROPÓSITO**

O filme Moana - Um mar de aventuras, começa com a avó da personagem narrando a história de uma lenda local para um grupo de crianças pequenas, que vitreadas na interpretação e entusiasmo da velha fazem uma escuta atenta do que está sendo contado.

Vemos em Moana uma presença forte, uma princesa cujos movimentos remetem a uma guerreira corajosa. Para Wilke (2020) o padrão de beleza das princesas foi modificado no que diz respeito aos traços corporais e também ao comportamento. Ainda segundo este autor, “As princesas passaram a ter fisicamente traços étnicos e suas histórias vieram também de outras fontes diferentes dos contos de fadas”. Os traços étnicos de Moana remetem à sua tribo, um povo que vive numa pequena ilha polinésia chamada Motu Nui.

Moana nasce predestinada a ser líder do seu povo, ela faz parte da linhagem de sucessão do reino. A menina é ensinada a amar o lugar onde vive e tudo que há nele. Frases como “Você nasceu para estar aqui” ou “Aqui é o seu lugar” são constantemente faladas pelo pai da menina que é quem governa a ilha. Ele demonstra temer a inquietação do coração da sua corajosa filha de ir além dos arrecifes.

Wilke (2020) descreve Moana da seguinte forma:

Ela tem os traços dos povos da Polinésia: é morena, tem pernas grossas e cabelos crespos; é forte, destemida, heroica, e nada se assemelha ao papel social da mulher submissa, frágil e dependente dos homens. Veste-se com liberdade. É aventureira e sonha em se aventurar pelos mares como seus antepassados (WILKE, 2020, p. 52).

Moana é uma princesa inquieta e sensível ao seu propósito. Ela é uma mulher que nasceu para liderar. Durante a produção, Moana é protagonista da sua história. Mesmo contando com a ajuda de Maui, é da menina que partem as principais decisões para o desfecho feliz da trama.

A figura feminina da avó da princesa Moana foi essencial para que ela tivesse o apoio necessário para romper os limites da ilha. A sua mãe também entende sua inquietação e a apoia na hora de partir.

Moana possui uma bela relação com Tala, sua sábia avó, e foi apoiada por Sina, sua mãe. Sina a ajudou a partir em sua aventura. Foi Tala que contou a história de Te Fiti e de seu povo ao transmitir os conhecimentos dos antepassados. Foi a avó que orientou sua neta em sua jornada heroica e ao apontar seu caminho no mar. No final, Moana resgatou o coração de Te Fiti e a curou ao devolvê-lo à deusa criadora das ilhas e da vida que nela há (WILKE, 2020, p. 56).

A ligação que Moana tem com a sua avó Tala, também denota o nível de relação que essa última princesa da Disney tem com as mulheres do filme, diferente de Branca de Neve que tem na madrasta uma figura inimiga, Moana tem na sua avó uma inspiração. Ainda conforme Wilke (2020):

De oponentes e rivais, os últimos filmes das Princesas Disney revelaram que entre as mulheres pode haver outro tipo de relação, qual seja aquele marcado por cumplicidade e solidariedade. Esse aspecto rompe com máximas presentes na sociedade patriarcal segundo as quais as mulheres não conseguem estabelecer relações de empatia, de afetividade e amizade com outra mulher e que as relações harmoniosas e de camaradagem somente ocorrem entre homens (WILKE, 2020, p. 56).

Depois que se torna jovem, em sua primeira cena na produção, Moana resolve um problema no telhado que um rapaz da tribo não conseguiu resolver.



Figura 7: Moana depois de consertar o telhado que o rapaz não conseguiu

Moana é uma protagonista ativa, que lidera e busca ações para resolver os problemas da sua ilha. Para Alves (2018):

Diferente das outras princesas, Moana não é vista como frágil e incapaz, pelo contrário, seu pai sempre a criou para que ela soubesse conduzir a tribo inteira sozinha no futuro. Esteticamente, segue a ruptura de padrões que a princesa Merida já havia conseguido, com cabelos volumosos e cacheados, no entanto ela apresenta ainda mais características propostas por tantos anos nos filmes (ALVES, 2018, p. 16).

Ao contrário de Branca de Neve, Moana não tem nenhum tipo de relacionamento amoroso no seu filme. Não há príncipe, ela é quem rompe suas próprias barreiras e vai atrás de respostas para salvar seu povo. Wilke (2020) diz

que na história de Moana a ideia do “amor verdadeiro” associado a um príncipe mudou totalmente. Não existe um príncipe, Moana por diversas vezes salva a si mesma sozinha. Um exemplo disso é quando ela encontra o Semideus Maui e ele a prende numa caverna.



Figura 8: Moana escapando sozinha de uma caverna

Logo depois dessa cena, a princesa também decide lutar sozinha com um exército de pequenos guerreiros para recuperar o “coração de Tefit”, na ocasião, a princesa demonstra coragem, determinação e força. Ela não espera por um salvador, mesmo estando acompanhada de um semideus grandão e musculoso.



Figura 9: Moana luta com um mini exército sozinha

Moana tem uma missão a cumprir. Precisa salvar seu povo; mas, seguindo a recomendação da sua avó, ela vai atrás de Maui (por ser um semideus com poderes especiais) para que ele a ajude a alcançar seu objetivo que é devolver o coração da

deusa Te fiti que foi roubado pelo próprio. Moana ensaia várias vezes a forma como vai intimidar Maui para que ele tope participar da aventura no oceano. “Eu sou Moana de Motu Nui, você vai embarcar no meu barco...”. Ela ensaia com firmeza como uma tentativa de não demonstrar fraqueza e evidenciar sua força.



Figura 10: Moana no primeiro encontro com o semideus Maui

O tamanho de Maui não intimida a menina em nenhum momento, a princípio o personagem na sua arrogância acha que Moana é uma fã. Mas a menina se posiciona e diz com firmeza que não foi ao encontro do mesmo em busca de autógrafa.

A longa jornada de Moana e Maui pelo oceano, é marcada por diálogos que levam à reflexão sobre questões de gênero. Maui vê Moana como uma menina frágil, e as ações da princesa vão fazendo o guerreiro perceber que ela é uma mulher forte e decidida a alcançar seu objetivo. Uma das cenas interessantes que ela dialoga com o semideus no oceano, é quando pede para que o guerreiro a ensine a navegar. Ela faz questão de tomar a frente da sua aventura, já no final do filme, ela aparece ensinando à mãe e ao pai os truques de navegação que aprendeu com o semideus. Voltando para o diálogo em que Moana tem com Maui, a princesa faz um pedido ao grandão:

*Moana: Eu quero que me ensine. Minha função é levar o Maui através do grande oceano, eu devia navegar!*

*Maui: Tem que ser aventureiro, princesa. Não se trata só de navegar, você tem que ver pra onde vai com a sua mente. Saber onde está, mas também por onde passou.*

*Moana: Olha, um: eu não sou uma princesa, eu sou a filha do chefe.*

*Maui: Mesma coisa.*

*Moana: Não.*

*Maui: Se tá de vestido e tem um bichinho de estimação, é uma princesa. Não é uma aventureira e nunca será aventureira.*

Moana sabe que é completamente capaz de aprender a velejar, e luta para conquistar seu espaço até que conquista o respeito do semideus com sua bravura e persistência.

As expressões de Moana em muitos momentos da trama, transmitem obstinação e força.



Figura 11: Moana destemida

Moana é obstinada e cumpre sua missão, o perfil dessa última princesa da Disney nos mostra o empoderamento feminino frente à tomada de decisões e estratégias de resolução de problemas. Para Lima, Antunes e Pereira (2018):

O processo de transformação das protagonistas femininas da Disney, dessa forma, é parte de um sistema retroalimentador, no qual o questionamento a respeito da figura da mulher é absorvido pela indústria do entretenimento a partir da sociedade ao mesmo tempo em que a própria indústria é agente influenciador desse meio. Daí a importância de estudar esse fenômeno (LIMA; ANTUNES; PEREIRA, 2018, p. 4).

O fenômeno social da atuação das princesas na vida das mulheres é algo percebido há vários anos. Os adultos que nos tornamos, dizem muito sobre a educação que recebemos desses filmes. Observando Moana e seu empoderamento, penso no que ela representa para tantas meninas que cresceram sabendo que ser líder e tomar as rédeas das situações também é função da mulher.

Seguindo com a análise, no final na trama Moana alcança seu objetivo principal com muita garra e determinação e muda o futuro do seu povo.

Depois de várias batalhas traçadas e de finalmente conseguir restaurar o coração de Te Fiti, a princesa retorna a sua ilha e é recebida com muita festa. Ela volta como a salvadora, volta sozinha assim como saiu e traz consigo, além das experiências da viagem, muita fartura e um novo horizonte para seu povo.



Figura 12: Moana ensina seu pai a velejar depois que volta da sua jornada no oceano

A atuação de Moana no filme evidencia de forma clara o empoderamento feminino. Logo após seu lançamento, meninas do mundo inteiro se identificaram com a personagem. Lembro de ter ido a três festas infantis cujo tema era relacionado à princesa.

Assim como as demais princesas da Disney, Moana está presente dentro das escolas, as crianças estampam nos seus materiais escolares e artigos pessoais essa figura de coragem que a princesa representa. Assim como Branca de Neve com sua bondade e passividade precisa ser problematizada dentro do ambiente educacional, Moana merece receber destaque como um modelo de mulher forte que não precisa de um príncipe para vencer. Ela é capaz. Nós somos capazes.

Enquanto em Branca de Neve a mulher representa principalmente beleza e dependência, em Moana essa representação comunica força e coragem. Branca de Neve durante a maior parte da produção usa um vestido de festa, cabelo sempre com um laço vermelho e sapatinho delicado com salto alto. Já Moana, usa trajes típicos e confortáveis com tecidos aparentemente artesanais, pés descalços e cabelos livres. A diferença na vestimenta das duas princesas, nos diz muito sobre as ações que as personagens precisam desempenhar durante os filmes. Moana é uma guerreira, ela precisa de roupas confortáveis para se movimentar com agilidade. Já Branca de Neve, tem um papel recatado e calmo. Ela não precisa usar força física nos momentos em que aparece.

A escola enquanto lugar de diversidade, precisa ver nessas figuras oportunidades de desmistificar padrões sociais que enaltecem o masculino.

Para Carvalho, Oliveira e Carvalho (2010):

As personagens são admiradas e imitadas pelas crianças como figuras atemporais e neutras, que por gerações têm influenciado padrões de beleza, de felicidade, de heteronormatividade e reforçado o machismo e o sexismo. As animações da Disney Princesas estão difundidas pelo mundo com aspectos que devem ser, portanto, questionados e problematizados. São filmes que são assistidos diariamente por milhares de crianças e adultos, nas escolas e demais espaços. São fruto de uma sociedade capitalista em que o entretenimento de massa reafirma e legitima estereótipos de formas de viver o mundo (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010, p. 165).

Enquanto professoras, devemos ter uma visão crítica para a formação da mulher. Somente com uma educação questionadora (diferente do que ensinava as princesas clássicas) nossas crianças poderão desenvolver um olhar de igualdade para os papéis de gênero. Dentro das escolas discussões podem ser fomentadas e eventos criados visando o alcance da comunidade escolar. Esses eventos seriam elaborados a fim de alertar pais e sociedade para a construção social do feminino.

#### 4. E COM MUITA CORAGEM O ALCANÇOU

Este trabalho buscou analisar criticamente as representações femininas das princesas Branca de Neve e Moana em seus respectivos filmes e dialogar sobre como essas representações estão presentes na sociedade e em particular nas escolas.

Através das pesquisas, foi possível refletir sobre a maneira como as princesas podem causar influência na formação da identidade da mulher. Isso pode ocorrer, porque as crianças veem nessas personagens atitudes e ações que resultam no tão sonhado “felizes para sempre”. As crianças se identificam com as lutas e vitórias das mesmas passando a imitar ou a tê-las como exemplo a ser seguido.

Traçamos o perfil das duas princesas, para que fosse possível comparar as diferenças presentes nas personagens. Além disso, buscou-se entender o que se pode fazer na escola para contribuir com a desconstrução das implicações trazidas pelos contos, entendendo que esses ensinam, atuam em construções culturais ao mesmo tempo que também produzem cultura, e, estas/estes estão enraizadas/os no meio social.

Faz uns dois ou três anos que estava voltando da universidade a noite, e uma vizinha que me viu crescer me cumprimentou e disse “Você está uma moça grande, esses dias me lembrei de você pequenininha. Amava flores, era muito calminha, parecia uma princesa”. Já com o olhar sobre a construção da identidade feminina, pude enxergar a influência das ações de personagens como a Branca de Neve na minha formação. Quem nunca se imaginou como uma bela princesa? Quem nunca sonhou com um amor perfeito e castelos fantásticos? Estamos mais imersas nessas histórias do que pensamos. Cechin (2014) diz que “Na educação da menina contemporânea, há uma incitação a ‘se comportar como uma princesa’, reafirmado no glamour dos bailes de debutantes e nas festas de casamento”. Enquanto assistia outra parte do filme, onde Branca de Neve reclamava da sujeira da casa dos anões, me veio à mente as inúmeras vezes que presenciei mulheres anciãs comentarem sobre ir na casa de mulheres mais novas e criticar a limpeza.

Passar o dedo nos móveis para ver se ela era “uma mulher limpa” era algo comum de acontecer.

É importante pontuar, que a modificação dos perfis das princesas da Disney aconteceu como estratégia de venda e de mercado. Com as mudanças sociais em relação ao papel da mulher e as muitas lutas travadas pelos movimentos feministas, a Disney precisou adequar suas produções a fim de vender suas criações para um número maior de pessoas. Logo, essa "mudança" é uma estratégia capitalista e não quer dizer que essa grande empresa tenha refletido sobre a representação das mulheres nas suas primeiras criações. Para confirmar isso, é só observar que cada princesa permanece com suas características iniciais. Temos um grupo de princesas passivas, com um perfil europeu de beleza loira e pele branca como a princesa Aurora, A bela Adormecida e a própria Branca de Neve, e temos o grupo das princesas ativas com perfis destemidos que é o caso de Mulan, Merida e Moana.

Os contos não são um material que deve ser banido das escolas, muito menos os filmes. Ao contrário disso, dentro das instituições eles são uma rica estratégia para trabalhar o pedagógico, e devem ser explorados para que estejam presentes no planejamento de forma estratégica. Através das histórias e dos filmes, os alunos podem refletir sobre a realidade que os cerca. A criança passa a perceber que existem pessoas ruins, que não se pode confiar em todos, que depois das dificuldades vem as alegrias. Também é possível através da narração dessas histórias, despertar nas crianças a curiosidade, desenvolver interesse pela leitura, iniciar as descobertas em relação às etapas iniciais do processo de alfabetização, além de envolver os discentes em práticas sociais como o cinema no caso dos filmes. É certo que esses contos educam e marcam a vida das pessoas, no entanto, a educação proveniente dessas histórias deve ser problematizada.

Quando falamos de problematização, pensamos em diálogos, reflexões, indagações e construção de conhecimento. Problematizar é conversar sobre determinado assunto, direcionar as discussões em torno do tema em questão. Isso é muito importante para que se desenvolva um pensamento crítico.

As discussões geradas dentro dessa temática são necessárias, pois, entre outras coisas, para a construção de uma sociedade justa precisamos colocar os óculos da igualdade de gênero. As crianças precisam refletir sobre os papéis sociais

exercidos por mulheres e homens. O diálogo é necessário para que não se reproduza comportamentos sem pensar sobre suas origens e finalidades.

Enquanto Branca de Neve se preocupava em encontrar o príncipe e estar sempre bela, Moana se preocupa em salvar seu povo e aprender a velejar buscando ter mais autonomia. As dúvidas de Moana se transformam em coragem para seguir seu coração, enquanto Branca de Neve na sua pura ingenuidade é enganada pela bruxa malvada tendo que ser salva pelo beijo de amor verdadeiro de um príncipe que até então só havia visto uma vez.

O desejo inicial em relação a esse trabalho, era realizar uma pesquisa de campo. Penso que se isso não tivesse sido interrompido pela pandemia, este escrito estaria mais rico em detalhes e conseguiríamos compreender melhor como as crianças reproduzem e/ou problematizam o que veem nos filmes dentro da escola. Observar como as professoras reagiriam mediante a alguma indagação ou ação das crianças em relação a temática, também seria uma importante fonte de dados para analisarmos. Infelizmente, não foi possível concretizar esse planejamento, mas penso que nas próximas etapas da minha trajetória acadêmica seguirei pesquisando sobre a atuação das personagens dos contos e dos filmes na formação da mulher na sociedade. Devo essa pesquisa a todas as mulheres do planeta e em especial as que estão próximas a mim.

Professoras e professores devem ter uma visão crítica e problematizadora para dialogar sobre as questões de gênero que estão presentes dentro dos muros da escola. Podemos desconstruir estereótipos e estimular nossas meninas e meninos a lutarem por seus ideais assim como Moana.

## REFERÊNCIAS

CAMURÇA, Silvia; GOUVEIA, Taciana (Org.). **O que é gênero**. Recife: SOS CORPO, 2004.

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação

do Papel Social da Mulher. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, [s. l.], p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

COTTA, Maria Amélia de Castro. **Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm**: um estudo de imagens e relações. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018.

VIDAL, Fernanda Fornari. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas**: Os “novos contos de fadas” ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRENMAN, Ilan; PONDÉ, Luiz Felipe. **Quem tem medo do lobo mau?**: O impacto do politicamente correto na formação das crianças. São Paulo: Papirus 7 mares, 2019.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. **O que se aprende com as princesas da Disney?**. Revista zero-a-seis, [s. l.], ed. 1, 2014.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e terra, 1997.

SANTOS, Amanda Gomes dos; SOUZA, Jéssica Oliveira de; BEZERRA, Juliana Soares; PORTO, Márcia Oliveira; SABOYA, Maria Clara Lopes; FERREIRA, Vanda Pereira; MARTINS, Carlos Adriano. A importância dos contos de fadas: Um estudo com professores da educação infantil. **Revista acadêmica da universidade Fernão Dias**, v. 4, p. 1-24, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Livre/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/A%20IMPORTANCIA%20DOS%20CONTOS%20DE%20FADA.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidades e papéis de Gênero na infância: Articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a prática**, n. 5, p. 1-14, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/43/39>. Acesso em: 13 nov. 2021.

ALVES, Flávia Souza. **A figura feminina e suas representações:** Análise das princesas Mulan e Moana. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Católica de Brasília. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/12014/1/FI%C3%A1viaSouzaAlvesTCCGraduacao2018.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CARVALHO, Mariana Vieira de; OLIVEIRA, Ester Gomes de; CARVALHO, Maria Cecília Vieira de. “Isso é coisa de menina?” O reforço de estereótipos femininos nas escolas através da utilização de desenhos Disney. **Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte/MG, v. 3, n. 2, p. 151-168, 2010. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5126/3174>. Acesso em: 20 nov. 2021.

WILKE, Valéria Cristina Lopes. Princesas em pleno século XXI? Histórias para meninas e mulheres empoderadas. **Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 42-60, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/7746>. Acesso em: 21 nov. 2021.

LIMA, Isabel Cristina Marlasca Fernandes; ANTUNES, Amanda Almeida; PEREIRA, Cláudia da Silva. Espelho, espelho meu...: representação feminina e re-design das princesas dos filmes da Disney. **Intercom**, Joinville/ SC, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0554-1.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.